

O BAIRRO E OS ENREDOS DO LUGAR

The neighborhood and the plots of the place

Bruno Maia Halley¹

RESUMO

O texto constitui um resgate do termo bairro a partir dos estudos desenvolvidos pela geografia humanista cultural, centrando-se em apresentar uma leitura da unidade urbana através do seu núcleo simbólico, esse entendido metaforicamente como uma “trama de enredos”. Desse modo, parte-se do princípio que o bairro é uma porção do espaço vivido e sentido, cujos moradores demarcam seu “ir” e “vir” na espessura do lugar, desde a rua onde se mora, passando pelas esquinas e quarteirões mais próximos, até encontrar o “coração” ou a trama densa do bairro. Essa trama encontra-se tecida por uma série de enredos narrados cotidianamente pelas ações comuns e intrínsecas do lugar nos seus espaços de diálogos (templo religioso, praça, mercado público etc.), sendo responsáveis pelas ocasiões mais propícias ao envolvimento mútuo das pessoas e, por conseguinte, pelo pulsar mais intenso da identidade local, que ressoa suas especificidades para outros recantos da célula urbana. À luz deste olhar pretende-se apresentar uma leitura geográfica para o bairro, associando-o ao conceito de lugar no entendimento de sua trama central de relações identitárias.

Palavras-chaves: Bairro. Lugar. Enredos. Trama. Identidade.

ABSTRACT

The paper represents a rescue of the neighborhood term from the studies developed in Humanist-Cultural Geography, focused in presenting a reading of the urban unit through its symbolic core, this being metaphorically understood as a “mesh of plots”. That way, from the principle that the neighborhood is a portion of the living space and meaning, whose residents set up their “come” and “go” in the thickness of the place, from the street where they live on, passing by the corners and blocks closer until they find the “heart” or the dense mesh of the neighborhood. This mesh is woven by a series of plots narrated by the usual and intrinsic ordinary actions of the place in its spaces of dialogue (religious temples, squares, public markets etc.), responsible for the more conducive occasions of mutual involvement of the people, and, consequently, by the most intense pulse of the local identity that echoes its specificities to other corners of the urban cell. In the light of this outlook the intention is to present a geographical reading for the neighborhood, associating it with the concept of place in order to understand its main plot of identity relations.

Keywords: Neighborhood. Place. Plots. Mesh. Identity.

¹ Doutorando em geografia pela Universidade Federal Fluminense, e Pesquisador Associado do Laboratório de Estudos sobre Espaço, Política e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco. bhalley@hotmail.com.

✉ Avenida Acadêmico Hélio Ramos, s/nº, 5º andar, sala 504-505, Cidade Universitária, Recife, PE. 50670-901.

PRIMEIRAS NOTAS

Ao aludir sobre o termo bairro faz-se importante destacar que o estudo da unidade urbana não dispensou muita atenção da geografia tradicional. Não por acaso, destaca Seabra (2003, p. 50) que “a partir dos anos sessenta diminuem as motivações de estudos sobre bairro entre nós”, o que já fora dito por Mendes (1958, p. 184) quando afirmara que “o estudo analítico dos bairros não mereceu as atenções dos geógrafos que já realizaram pesquisas geográficas em relação às grandes cidades do mundo”.

Na ordem do dia, contudo, constitui uma temática à luz de matrizes filosóficas que vão da fenomenologia ao materialismo dialético. Nessa nova perspectiva que se abre, parece haver um consenso no sentido da sua gênese como uma dimensão prática da existência do cidadão, um meio de satisfazer as suas necessidades humanas. Consequentemente, percebe-se que a opção pelo estudo do bairro conduz a uma maior complexidade do que a simples escolha de uma área por critério político-administrativo.

Neste sentido, entende-se o bairro não apenas como um espaço físico delimitado, com suas formas e funções específicas, mas como um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradouras relações de parentesco, vizinhança e compadrio. Comunga-se, dessa forma, com os princípios de uma geografia humanista cultural, sobretudo a partir do conceito de lugar na condição de espaço vivido e sentido. Logo, o lugar é aqui compreendido como

uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na

ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN apud HOLZER, 1999, p. 70).

Assim, o bairro é considerado como um lugar, cujos moradores demarcam seu “ir” e “vir”, desde a rua onde se mora, passando pelas calçadas, esquinas e quarteirões mais próximos, até encontrar o “coração” ou a trama densa do bairro. Essa trama encontra-se tecida por uma série de enredos narrados cotidianamente por experiências comuns e intrínsecas do lugar no bojo dos seus espaços de diálogos, sendo responsáveis pelas ocasiões mais propícias ao envolvimento mútuo das pessoas.

Partindo deste princípio, buscar-se-á inicialmente associar o lugar com a categoria espacial bairro, estabelecendo uma aproximação conceitual entre os dois recortes temáticos à luz de escritos desenvolvidos por geógrafos nos derradeiros decênios. Em seguida, o texto discorre sobre a trama densa do bairro, buscando apreendê-la através do “desatamento” dos seus enredos, identificados como experiências historicamente conduzidas por marcos referenciais ou focos de intenção e propósito do bairro (a igreja, a praça, o mercado, a feira livre etc.). Esses marcos do bairro são concebidos como referências materiais dotadas de um legado simbólico, transmitidos por gerações e gerações, e em cujas imagens mentais dos moradores se encontram melhor configuradas no âmbito de um sentimento coletivo de pertencimento a um determinado bairro.

Ademais, cabe destacar que, por se tratar de uma realidade social de caráter múltiplo e diverso, não se deseja aqui classificar um tipo de bairro, mas sim elucidar uma proposta de análise do lugar assentada numa característica comum de algumas unidades, mormente materializada na existência de um núcleo simbólico no interior do seu

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

espaço, que estimula e ressoa as especificidades da personalidade do bairro na cidade.

APREENDENDO O BAIRRO COMO LUGAR E RECORTE COMPLEMENTAR NA GEOGRAFIA

O decênio de 1980 assinala o ressurgimento da geografia cultural após um período de relativa perda de prestígio (entre 1940 e 1970). Caracteriza-se pela renovação analítica da Escola de Berkeley a partir de estudos culturais influenciados por matizes reflexivas do continente europeu e norte-americano, dentro de uma conjuntura pós-positivista. Apesar da geografia cultural saueriana, cuja ideia de cultura é definida em termos amplos na condição de uma entidade supra-orgânica, na nova geografia cultural este conceito apresenta-se “[...] restrito aos significados criados e recriados pelos diversos grupos sociais a respeito das diferentes esferas da vida em suas específicas espacialidades” (CORRÊA, 2012, p. 8). Desse modo, “a cultura não tem papel determinante, constituindo um contexto, isto é, reflexo, meio e condição de existência e reprodução dos diferentes grupos sociais” (CORRÊA, 2012, p. 8).

Inserindo-se numa perspectiva interpretativa, esta corrente torna-se necessária para a compreensão do mundo através de diferentes enfoques temáticos que carregam consigo influências herdadas tanto de um período antecedente como de aspectos oriundos do materialismo histórico dialético. Outrossim, recebe influência das filosofias do significado (hermenêutica, existencialismo, idealismo e fenomenologia) através da geografia humanista, que valoriza a experiência no mundo vivido, a intersubjetividade e os valores e sentimentos dos seres humanos na compreensão do espaço habitado, conforme assinala Corrêa (2003).

Dentro desse contexto, o espaço urbano passa a ser objeto de análise dos estudos culturais, antes mais orientados às questões relacionadas ao campo. Com efeito, até o final da década de 1960, os geógrafos de tradição francesa e norte-americana enfatizaram o rural, o passado e as sociedades primitivas ou atrasadas, pouco ou nada interessando-se pelo quadro urbano. Todavia, com a redefinição do conceito de cultura por parte desses profissionais nos últimos decênios do século XX, consubstanciada pelas metamorfoses processadas na sociedade em curso, que ia se tornando mais urbana e diversificada, o quadro investigativo dos geógrafos culturais se desloca do campo para a cidade. Ao mesmo tempo em que os estudos urbanos, outrora submetidos a discussões relacionadas à funcionalidade das cidades, acabam por também considerar a dimensão cultural nas suas análises. O que suscita o desenvolvimento de inúmeras pesquisas voltadas à multiplicidade das relações sociais no urbano em três eixos temáticos principais: toponímia e identidade, a cidade e a produção de formas simbólicas, e a paisagem urbana e seus significados (CORRÊA, 2003).

Destacam-se também nesses estudos, as leituras empreendidas no desvendamento das diversas partes que representam a cidade, e com elas o bairro. Especialmente quando se observa na literatura humanista-cultural a associação da unidade urbana ao conceito de lugar, na condição de produto da experiência humana, e não somente do sentido espacial de localização (RELPH, 1979). Posto que, o lugar “não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”, assegura Relph (1979, p. 16-17). Contudo, ressalta o mesmo geógrafo em artigo mais recente, que

Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro; [...] O núcleo do significado de lugar

O bairro e os enredos do lugar

Bruno Maia Halley

se estende, [...] em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco (RELPH, 2012, p. 31).

Desta forma, o que acontece no lugar é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado em maior ou menor grau. Com efeito, o bairro urbano é aqui também compreendido como um microcosmo, um lugar de existência coletiva em contato imediato com o mundo e com suas metamorfoses, mas que, todavia, ainda preserva sua essência enquanto lócus de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas relações de familiaridade, vizinhança e compadrio. É ainda apreendido como portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica, cujos moradores externam as singularidades do lugar através de uma consciência coletiva de pertencimento.

Essa concepção de bairro pode ser reforçada e ampliada a partir das formulações de Mello (1991, p. 62), que o entende como um “[...] lugar vivido por excelência, percorrido com segurança, onde muitos se conhecem e, portanto se familiarizam”. Ainda de acordo com ele, “o bairro, no qual se habita, não é conhecido em sua totalidade”. Contudo,

os laços de afinidade são muito expressivos nesses centros de significância, onde não há tabuletas indicando a sua designação. Mas a experiência repetida dos homens, transformada em fraternidade, identifica ou traça os limites de seu território. Os administradores estabelecem fronteiras rígidas para os bairros. Entretanto, para os moradores do lugar a demarcação é tênue e não muito rígida, podendo variar para lhes conceder status, por exemplo (MELLO, 1991, p. 62).

Observa-se, assim, a dimensão simbólica e subjetiva que o fragmento urbano carrega consigo na geografia humanista cultural,

sendo compreendido como uma porção do espaço caracterizado pelas sociabilidades engendradas no seu interior e pelas particularidades que o individualiza. Outro aspecto diz respeito à ausência de coincidência entre os limites administrativos do poder municipal e àqueles delimitados e tomados como verdadeiros pelo sentimento coletivo dos moradores.

A propósito dessa especificidade, Serpa (2007) sugere como procedimento teórico-metodológico, a superação da rígida dicotomia centro versus periferia, relativizando-a a partir da instrumentalização do conceito de bairro como espaço vivido e sentido. Pois, conforme ressalta o autor, os recortes espaciais priorizados pelos órgãos municipais (as regiões administrativas ou os distritos) se mostram “[...] grandes demais para despertar empatia como ‘espaços vividos’ pela população, como ‘lugar’”. Essas divisões acabam por esconder o sentimento de pertencimento ao bairro, tido como “espaço das práticas cotidianas e aparentemente banais” (SERPA, 2007, p. 10) dos seus moradores.

Certo da magnitude desse pensamento sobre espaço vivido, Serpa (2007) vincula o bairro ao conceito de lugar, o que implica enxergá-lo como um sistema particular de relações, “já que o lugar é mais que a soma de objetos ou uma localização [...] e exprime a experiência e o envolvimento com o mundo” (SERPA, 2007, p. 11). E o bairro, segundo o autor, “é sempre identitário, relacional e histórico”, uma “fonte de autoconhecimento e responsabilidade social” (SERPA, 2007, p. 11). Aproximando-se, assim, do conceito humanista de lugar, compreendido como o lócus da experiência vivida, estruturado e estabilizado emocionalmente por múltiplos significados geográficos de pertencimento, familiaridade e identidade. O lugar, portanto, é um mundo ordenado e com significado, sendo fechado, íntimo e humanizado (TUAN, 1983).

Na ordem do dia, os dois autores supracitados (Mello e Serpa) se constituem nas maiores representatividades do estudo do bairro na geografia humanista no Brasil. São responsáveis por mais de duas dezenas de orientações reservadas à apreensão da célula urbana na perspectiva da metrópole. O grupo coordenado por João Baptista F. de Mello analisa os bairros e subúrbios na cidade do Rio de Janeiro associando os métodos pioneiros concernentes à individualidade do fragmento urbano às leituras mais atuais subjacentes ao universo vivido do conceito de lugar.¹ Por sua vez, os alunos de Ângelo Serpa apreendem e discutem os bairros periféricos no planejamento urbano de Salvador através do conceito humanista de lugar e da aplicação de mapas cognitivos mais concatenados às técnicas de investigação da geografia da percepção e do comportamento.²

Afora esses dois autores é importante destacar uma terceira perspectiva de análise do bairro na geografia brasileira, no contexto do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo, através das professoras Amélia Luisa Damiani, Margarida Maria de Andrade (1991), Odette C. de Lima Seabra (2003) e Ana Fani A. Carlos. Nos estudos empreendidos por esse grupo e seus orientandos é evidente a influência dos escritos desenvolvidos pelo filósofo francês Henri Lefebvre, centrados sobretudo no livro *De lo Rural a lo Urbano* (1968), que traz uma discussão a propósito do bairro e da vida de bairro na organização da sociedade urbana.

1 São exemplos dessa abordagem adotada por Mello na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, os estudos desenvolvidos por Bandeira (1998), Tostes (1999), Henrique Gomes (1999), Brito (2000), Lima e Silva (2005) e Pizotti (2010).

2 Além das orientações concluídas sobre bairro na Universidade Federal da Bahia – ver, por exemplo, os trabalhos de Angeoletto (2000), Garcia (2001), Coelho (2002), e Silva de Souza (2006), o autor e seu grupo de pesquisa ainda produziram vídeos-documentários com moradores de bairros populares, com o objetivo de caracterizar algumas manifestações culturais do cotidiano dos bairros da cidade de Salvador.

Mesmo não se enquadrando na perspectiva humanista cultural, e sim numa vertente geográfica denominada por Maurício de Abreu de marxista lefebvriana (CARLOS, 2002), Carlos (1996) aproxima a noção de bairro a uma perspectiva fenomenológica de lugar³, partindo do entendimento que o indivíduo embora morador da metrópole não a vivência em sua totalidade, vive apenas fragmentos deste espaço. O que claramente corresponde ao “[...] lugar – porção do espaço apropriável a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos dos seus moradores” (CARLOS, 1996, p. 21). Podendo ser a rua, a praça, o bairro... Este compreendido como o

espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar” (CARLOS, 1996, p. 21).

Ancorada nesta concepção, Silva (1999, p. 12) analisa o bairro da Torre na cidade de João Pessoa como um “[...] lugar de grandes potencialidades; um espaço complexo, imbuído de variadas significações conferidas pela própria dialética do cotidiano”. A referência que o usuário tem de pertencimento ao lugar; seu ponto de partida e chegada para construção de relações interpessoais, às vezes duradouras e profundas, estabelecidas em momentos de alegrias,

3 Dentro desta perspectiva analítica, vale lembrar o estudo monográfico desenvolvido por Fernanda Cristina de Paula, na Universidade Estadual de Campinas, intitulado *Geografias de bairro: territórios vividos e experiência urbana no bairro Bosque, Campinas*, que versa sobre o bairro em três perspectivas: o fenômeno vivido do lugar; o bairro e suas territorialidades; e o sítio e situação do Bosque na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo (DE PAULA, 2007).

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

realizações, dificuldades e frustrações, complementa a autora (SILVA, 1999).

Também Scarlato (1988), na sua tese de doutoramento sobre o real e o imaginário no Bexiga (São Paulo), evoca o bairro como categoria de análise, afirmando que a opção pelo estudo dessa unidade urbana conduz uma maior problemática do que a simples escolha de um território com limites administrativos. Pois, o bairro resulta de um somatório de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade,

[...] cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas de rua ou quarteirão, cria um clima de 'cumplicidade' para viver ou encontrar saída para os mesmos. O bairro pode ser encarado portanto, como lugar onde as relações de vizinhança se encontram mais bem configuradas (SCARLATO, 1988, p. 178).

Dessa maneira, para o autor o bairro constitui uma unidade espacial de profunda significância à compreensão das transformações de uma cidade ou da sociedade como um todo. Unidade menor onde se realiza com intensidade a vida cotidiana da população urbana é ainda o lugar onde se manifesta importantes movimentos sociais urbanos (SCARLATO, 1988).

Aqui, faz-se necessário ressaltar que esta perspectiva referente aos movimentos sociais, fora aprofundada por Souza (1988) na sua análise sobre o ativismo de bairro, partindo de uma abordagem política e do seu entendimento como lócus organizacional das práticas sociais e das lutas dos seus usuários. Avançando, desse modo, na construção de um arcabouço teórico-conceitual para realidade dos bairros, Souza (1989, p. 156) conceitua essas células urbanas como "[...] lugares, ou seja, espaços internalizados mentalmente pelos indivíduos de uma coletividade, que os têm como espaços vividos e sentidos".

No entanto, é o mesmo Souza (1989) quem mostra que um bairro, por mais que encerre unidade de composição material e social, se não desperta o menor afeto, a menor empatia, ou simplesmente um referencial para o cotidiano, não é um bairro. Mas tão somente uma parcela da cidade particularizada por este ou aquele critério. O autor ainda comenta, no bojo da variável vivência do espaço entre os cidadãos, que existem certas situações (ou certas localidades) onde o bairro é uma realidade pouco significativa para a maioria das pessoas nele residentes. Configurando-se, dessa forma, apenas numa referência locacional, normalmente lembrada como complemento do endereço domiciliar dos seus moradores.

Contudo, já afirmara Tuan (1983, p. 189) que "a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um, mas a unidade maior, o 'bairro', é um conceito". Não se expande automaticamente o sentimento que se tem pela rua para todo o bairro. "O conceito depende da experiência, mas não é uma consequência inevitável da experiência, já que o 'bairro' só adquire visibilidade e torna-se um 'lugar' através de um esforço da mente" (TUAN, 1983, p. 189). Assim, para o autor o bairro pode ser deduzido e esclarecido por meio de perguntas, dirigidas inicialmente para o concreto e depois para o mais abstrato (o que é ou constitui o meu bairro? o que é nosso bairro? o que é o bairro?). Dessa maneira, "o bairro inteiro torna-se lugar" (TUAN, 1983, p. 189). Todavia,

É um lugar conceitual e não envolve as emoções. As emoções começam a dar cor ao bairro inteiro – recorrendo e extrapolando da experiência direta de cada uma de suas partes – quando se percebe que o bairro tem rivais e que está ameaçado de alguma maneira, real ou imaginária. Assim, o sentimento afetivo que se tem por uma esquina expande-se para incluir a área maior (TUAN, 1983, p. 189).

Em outras palavras, é a partir da diferença, da alteridade, do reconhecimento, enfim do despertar identitário face às outras unidades

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

urbanas que se processa a transformação do bairro em lugar. Nessa perspectiva, a emergência da identidade do bairro pode decorrer tanto de fortes fatores individualizantes (estrato social, amenidades locais, arquitetura secular, etc.), como por sintoma de reação aos pequenos ou grandes atos de interferência na vida cotidiana do morador, a exemplo da demolição de algum imóvel simbólico, ou mesmo do risco de desocupação do lugar em razão de um processo de reurbanização. Essas situações eventuais, munidas de propósitos pré-determinados, respaldam a afirmativa de Relph (1976), segundo a qual o lugar só adquire identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

Contudo, buscar-se-á entender essa identidade não apenas de forma eventual, mas sim ao longo de um processo histórico de envolvimento do indivíduo com o bairro, tomando como foco de compreensão o “coração” ou núcleo simbólico do lugar. Aqui entendido como espaço de expressiva magnitude, caracterizado por uma trama de relações constituída por um conjunto de enredos e representações sobre os quais se assenta o conteúdo concreto da vida. Construindo o cotidiano e a personalidade do bairro a partir da concentração de diferentes aspectos referentes à paisagem, à ocupação histórica, à convivência social, ao sentimento de pertencimento, ao nome do lugar, dentre outros aspectos, que associados acabam por denotar um “gênio” ao bairro no contexto de uma cidade.

DESATANDO A TRAMA DE ENREDOS DO BAIRRO

Os traçados das ruas, os caminhos mais longos, os becos, as múltiplas construções, as casas, vielas, praças e calçadas, constituem reminiscências afetivas para os moradores de um bairro. Dessa

encruzilhada de endereços compartilhados, emerge uma porção de espaço contínuo investido de referências simbólicas, expressas tanto nas formas das paredes e trilhas percorridas, como nos sentidos e significados das práticas sociais estabelecidas.

Nesse sentido, um simples caminhar pela cidade, observando os trajetos das pessoas e os desenhos dos objetos, permite apreender o sentido e a existência dos bairros, e não apenas daquele onde se mora (SILVA, 1999). À medida que, nesse flamar desconcertante, novos bairros são apresentados, também são identificados seus núcleos dominantes de vivência, pouco a pouco arrefecidos com a proximidade de lugares imprecisos denominados de fronteiras ou limites intra-urbanos. Na maioria dos casos, pontos flexíveis do espaço que acabam por confundir a percepção do observador de estar em tal ou qual bairro. Tais fronteiras de inexpressiva vida própria contrapõem-se aos lugares de extrema sociabilidade, comumente materializados nos “corações” dos bairros populares. Espaços nodais de características marcantes, cuja personalidade se mostra mais vívida e forte em decorrência da efervescência das práticas sociais ali engendradas que cadenciam o ritmo do lugar. E é esta a essência do lugar, ser o centro das ações e das intenções, onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência (RELPH, 1976).

Não por acaso, ter afirmado Mendes (1958, p. 186), que ao se estudar um bairro, uma categoria de difícil definição, tornar-se-á mais perceptível “reconhecer-se e identificar-se o seu núcleo principal, o ‘coração’ do bairro”, do que suas áreas de transição. Nessa perspectiva, o que mais importa “[...] é o ponto onde, pelo consenso, há maior coincidência de representações: onde o lugar é visto como sendo mais ele mesmo. Limites e fronteiras são secundários, frente à interdependência entre o núcleo e o território que domina” (SANTOS, 1988, p. 113). Representando apenas meras abstrações objetivas

O bairro e os enredos do lugar

Bruno Maia Halley

(administrativas) ou linhas traçadas em um mapa que tentam corresponder mais ou menos ao que todo um coletivo já sabe e sente.

Posto que as pessoas

[...] inconscientemente ou conscientemente sempre “demarcam” seus bairros, a partir de marcos referenciais que elas, e certamente outras antes delas, produzindo uma herança simbólica que passa de geração a geração, identificam como sendo interiores ou exteriores a um dado bairro (SOUZA, 1989, p. 150).

Tal delimitação intersubjetiva, no entanto, pode variar um pouco de habitante para habitante (por motivos de status, por exemplo). “Mas se essa variação for muito significativa, dificilmente estar-se-á perante um bairro, porque dificilmente haverá um suporte para uma identidade razoavelmente compartilhada, ou um legado simbólico suficientemente expressivo” (SOUZA, 1989, p. 150). Para existir um bairro, portanto, é necessário haver um espaço comum para todo um conjunto de indivíduos, os quais veem assim suas imagens mentais se aproximarem e se superporem a ponto de proporcionar a comunicação, e, doravante, a construção de um lugar singularizado para além dos limites de suas ruas. No dizer de Tuan (1983, p. 189/190), “esta percepção se torna bem real se a unidade, de fato, tem um forte sabor local, caráter visual e limites definidos. As casas e as ruas por si mesmas não criam um sentimento de lugar, porém se elas forem diferentes esta qualidade perceptiva poderia ajudar muito os habitantes a desenvolver a consciência de um lugar maior (o bairro)”

Dentro deste contexto, as pessoas se sentem mais seguras, vivenciando num clima de solidariedade os mesmos espaços de diálogo que regem a experiência cotidiana e lhes possibilitam perceber a fluidez e as coisas comuns do bairro. No interior da unidade urbana, os lugares de forte atração social condicionam a rota do “ir” e “vir” das pessoas,

criando representações que se objetivam através de símbolos. Estes podem ser as praças, as ruas, as casas, a igreja, espaços vivenciados naquele cotidiano, sempre como lugar comum, e que reforçam os laços de vizinhança, familiaridade e compadrio dos habitantes desde a rua onde se mora até a área mais dinâmica do bairro (SILVA, 1999; SCARLATO, 1988).

Na concepção de Santos (1988, p. 116), este núcleo dinâmico conforma-se num espaço central geralmente caracterizado pela presença de algum templo religioso, acompanhado por uma feira livre e um mercado público. Nesses pontos de encontro, como também em outros, observa-se os contatos espontâneos aparentemente sem sentidos que marcam o ritmo e a alma do lugar. São as conversas nas calçadas, o jogo de bola das crianças nas ruas, o encontro diário na padaria, no mercado ou na feira livre, as relações amistosas nos botequins, mercearias e bodegas, os contatos frequentes entre os vizinhos... Enfim, as práticas e costumes mais singelos que ainda permitem, nos dias atuais, identificar a existência de um bairro nos grandes centros urbanos, mesmo quando aquelas relações de vizinhança já se encontram ameaçadas pelo novo ritmo de vida de seus moradores influenciados pela centralidade econômica e pelas oportunidades de lazer em espaços específicos/concentrados na cidade que tendem a diluir a vida de relações do bairro, conforme ressalta Carlos (2001).

Assim, o que importa neste novo contexto, é assinalar que realidades como os bairros são lugares (SOUZA, 1989). Espaços internalizados mentalmente pelos seus habitantes que os reconhecem como recantos vividos e sentidos na ampla estrutura do espaço. Nessa perspectiva, não obstante o arrefecimento de sua vida, o bairro permanece quase sempre sendo o espaço mais intensamente vivenciado, embora o apego ou sentimento de pertencimento não seja muito exercitado ou

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

pronunciado (SOUZA, 1989). Com efeito, nos espaços de forte atração social (nas padarias ao fim da tarde, nas praças, na feira livre, no mercado público, na igreja católica ou em outros pontos de encontro) ainda se processam as relações mais imediatas do bairro, permitindo pensá-lo como lugar de referência para a construção de relações interpessoais e também a referência a partir da qual os moradores se relacionam com espaços mais amplos.

No interior de alguns bairros, a trama de relações possibilita a comunhão entre as pessoas não somente porque moram, compram, trabalham, cultuam ou se divertem no mesmo lugar. Mas porque fazem de forma coletiva e interpessoal – todos se conhecem (de uma forma ou de outra). “Saber quem é quem é uma imposição da própria intensidade do contexto e das muitas oportunidades diferentes em que ela se dá” (SANTOS, 1985, p. 85). E mais, “significa conhecer o mesmo indivíduo em diversas situações, desempenhando os papéis de vizinho, freguês, associado, parceiro do jogo, frequentador de determinados lugares, membro de uma igreja, profissional disto ou daquilo e assim por diante” (SANTOS, 1985, p. 85).

Essa troca reiterada de personagens assenta-se no bojo da construção social e identitária da pessoa com o lugar. Graças ao seu comprometimento, o indivíduo tende a viver com maior intensidade o bairro, adquirindo um apego, um sentimento de pertencimento ao lugar tanto mais rico quanto mais variado forem os papéis por ele desempenhados. Assim, ao participar de um conjunto de experiências regidas por uma série de enredos, o morador insere-se numa trama densa de conteúdos e significados que engendram a criação de laços profundos de identidade.

Cumprido esclarecer que, o vocábulo enredo é aqui compreendido como um conjunto de experiências, historicamente formadas por determinadas ações conduzidas por marcos referenciais ou focos de

intenção e propósito do bairro, podendo ser as ações regidas num templo religioso, num mercado público, feira livre, ou mesmo um conjunto de experiências realizadas numa determinada rua ou esquina, entre outras situações. Os enredos, portanto, se referem às relações primárias da dimensão existencial, sendo responsáveis no interior do espaço habitado pelo encontro sistemático das pessoas e dos grupos em função da maneira pela qual partilham, numa configuração territorial precisa, a multiplicidade de enredos que viabilizam a vida cotidiana.

No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1977), o vocábulo enredo significa, dentre outros verbetes, o conjunto dos incidentes que constituem a ação de uma obra de ficção, ou ainda as palavras argumento, entrecho, história, intriga, e trama. Subjacente ao campo literário, enredo representa o “arranjo de uma história; a apresentação/representação de situações de personagens então envolvidos e as sucessivas transformações que vão ocorrendo entre elas criando-se novas situações até se chegar à final – o desfecho do enredo” (MESQUITA, 1987, p. 07).

Paulo César da C. Gomes, por sua vez, ao elucidar elementos de uma geografia da visibilidade, entende o enredo como um “fio” de uma trama, destacando que a mesma “[...] é o resultado de inúmeras e variadas informações que se entrelaçam, formando um arranjo coerente”. Cabe então ao observador identificar e desemaranhar a organização da trama, para assim, fazer aparecerem os seus significados, ressalta o referido geógrafo (GOMES, 2013, 191).

À luz da perspectiva aqui adotada e parafraseando Gomes, cabe então identificar a organização da trama densa do bairro, desatando seus enredos enquanto arranjos de determinadas situações estabelecidas pelas pessoas no seu núcleo de vivência. A partir deste recorte espacial, pode-se apreender a imagem coletiva do bairro, que

em grande parte deve sua identidade ao seu coração simbólico, cuja concentração de residências, negócios, locais de trabalho, serviços, estabelecimentos de culto e lazer, promovem o encontro diário das pessoas em suas várias atividades representadas. Nesse encontro e desencontro, os moradores, ao tecerem suas diferentes trajetórias em face aos variados enredos, acabam por tecerem a trama ou a personalidade do lugar. Respalhando, assim, a famosa frase do filósofo francês Gabriel Marcel, segundo a qual “um indivíduo não é distinto do seu lugar, ele é esse lugar” (apud MELLO, 1991, p. 55).

Na esteira deste raciocínio, o “coração” do bairro configura-se numa trama densa de relações, cotidianamente tecida a partir do entrelace dos mais variados enredos que demarcam um conjunto de ações e objetos, comumente situados no espaço inicial de ocupação do bairro correspondente à localização dos principais espaços de diálogo do lugar. Os contatos estabelecidos nestes lugares, recorrentes ao nível do cotidiano, têm um caráter não eventual. Não resultam de fatalidades, mas da própria dinâmica das relações processadas nesse tipo de meio urbano. Desse modo, na escala da unidade, as pessoas se encontram, porque as trajetórias se cruzam em muitos pontos e em muitos contextos (ou enredos), a exemplo dos contatos estabelecidos diariamente nas calçadas, nas ruas, nas esquinas, nas praças, na igreja ou no clube, no armazém ou no botequim (SANTOS, 1985).

São esses os recantos mais vivenciados do bairro, e, não por acaso, encontram-se situados na urdidura da trama, possibilitando os contatos mais frequentes entre os moradores numa ininterrupta troca de experiências calcadas em determinadas relações de confiança (parentesco, vizinhança e compadrio), que não obstante à existência de outras relações marcadas por certa impessoalidade contemporânea, persistem em existir em alguns bairros. Consequentemente, “a importância conferida à trama liga-se ao fato de que ela é aquilo que,

em seu dinamismo, representa a ‘condição humana’” (MONTEIRO, 2002, p. 24-25). Pois,

[...] a sua comunicação, o seu ‘tomar vida’, requer forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um ‘palco’ – praticável, concreto – em que qualquer trama “humana” está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural, enfim” (MONTEIRO, 2002, p. 24-25).

Assim, o palco da trama do bairro é o coração do lugar. Um espaço consagrado pelos moradores, posto que há uma ampla interseção de subjetividades individuais. Dentro deste contexto, percebe-se com maior precisão a originalidade do bairro no que concerne ao nome, aos aspectos singulares do sítio, aos contornos da paisagem, do conteúdo social, da ocupação histórica, e da função do lugar. O que lembra, assim, as análises pioneiras sobre bairro, especialmente as leituras desenvolvidas por Mendes (1958) e Soares (1958), ainda na década de 1950, a propósito das unidades das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente. A leitura desses autores sobre o bairro, baseada na Escola Francesa de Geografia da época, centrava-se na originalidade da unidade urbana a partir de um elemento predominante (sítio, conteúdo social, paisagem urbana e função), que o singularizava em meio a outras de uma mesma cidade. Desse modo, para Mendes (1958, p. 185) “o bairro possui determinadas características muito próprias que, com o passar do tempo, se reforçam e acabam por individualizá-lo de maneira inconfundível, tanto para os que nele habitam como no conceito geral da população cidadina”. Seguindo na mesma direção, acrescenta Soares (1958, p. 47/48), que “a noção de bairro é uma noção de origem popular”, sendo, portanto “muita mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento

coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro”.

Desse modo, não obstante a afirmativa de Tuan (1983), segundo a qual “a rua é parte da experiência íntima de cada indivíduo, mas o bairro é um conceito”, acrescenta-se, ademais, que na escala da unidade urbana, o morador também experiencia intensamente outros lugares. Contudo, “o bairro, no qual se habita, não é conhecido na sua totalidade” (MELLO, 1991, p. 62). Vive-se apenas lugares concêntricos do seu tecido, materializados em escalas hierarquizadas de vivência: o lar, a rua, a esquina, o quarteirão, os caminhos trilhados diariamente, e, o âmago do bairro. Logo, a consciência do morador sobre o bairro “[...] parece ser feita de zonas concêntricas variando seu grau de importância segundo o tipo e a intensidade de experiência que eles têm delas” (TUAN, 1980, p. 249).

Consequentemente, no âmago ou na trama densa do bairro não há questionamentos a propósito da delimitação do lugar. Todos se reconhecem habitando o mesmo bairro em razão do legado simbólico existente nos marcos referenciais ou símbolos, nos estilos das construções, nas placas e tabuletas indicativas, nas ruas mais intensamente vividas, etc. Singularidades que recordam a perspectiva adotada por Relph (1976, p. 61) a propósito do lugar, que segundo o geógrafo é “constituído por três componentes inter-relacionadas, cada qual irreduzível à outra – características físicas ou aparência, actividades e funções concretas observáveis e significados ou símbolos”.

À luz destas especificidades, o indivíduo encontra-se imbuído de um sentimento de pertencimento, o que lembra assim a clássica observação de George (1983, p. 76): “o morador refere-se ao bairro quando quer situar-se na cidade; tem a impressão de ultrapassar um limite quando vai a um outro bairro”. Posto que “é com base no bairro

que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular” (GEORGE, 1983, p. 76), complementa o geógrafo.

Essa representação do bairro torna-se mais visível no seu núcleo simbólico, ou seja, naquele espaço de comunhão que concentra e harmoniza as relações públicas, o ritmo e alma do lugar. O endereço coletivo dos moradores e de seus inúmeros pontos de encontro (a igreja, escola, mercado, feira livre, praça...), que experienciam diariamente a emergência de meios espontâneos e solidários da personalidade local (folhetos sobre o comércio do bairro, bingos em prol de uma causa comum, campanhas sobre a história do bairro etc.), reforçados pela existência de organizações formais, como associações de bairro, que promovem a identidade do lugar em face à ameaça externa de negócios e pessoas indesejáveis, conforme destaca Tuan (1983). No entanto, a reputação, a imagem pública de um bairro pode depender muito mais da propaganda de grupos de fora do que dos moradores locais (TUAN, 1983, p. 191). Esta questão paradoxal pode ser expressa de outra forma:

os residentes de um verdadeiro bairro não reconhecem a extensão e singularidade de sua área a não ser que eles conheçam as áreas contíguas; mas quanto mais eles conhecem e se relacionam com o mundo exterior menos se envolverão com a vida de seu próprio mundo, seu bairro e portanto, será cada vez menos um bairro. (TUAN, 1980, p. 243).

Não obstante as influências externas e as imposições decorrentes da globalização, acredita-se que os enredos subjacentes à trama central de um bairro possibilitam o maior envolvimento do morador com o seu lugar, seja na rua onde se mora, seja nas esquinas, nos botequins, praças, e igrejas, bem como nos outros espaços de sociabilidade, que também se constituem em marcos evocativos da imagem local. Essas representações se constituem em provas marcantes de diversos

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

tipos de identidades no lugar (RELPH, 1976). Todas estas identidades possuindo como característica comum a de que: “[...] não podem ser entendidas simplesmente em termos de padrões físicos e de traços observáveis, nem só como produtos de atitudes, mas como uma condição indissociável destes” (RELPH, 1979, p. 59). Cabe então definir no estudo do bairro quais são esses elementos e atitudes que, associados dão a unidade sua feição característica, “quer pela experiência ou pela fama” (TUAN, 1980, p. 249), ou mesmo, quais são os marcos referenciais e seus principais enredos que revelam a trama identitária do lugar no contexto da cidade.

A título de exemplo, no bairro de Água Fria, Zona Norte da cidade do Recife, foi possível observar como enredos do lugar (HALLEY, 2010) as relações sociais estabelecidas nas tradicionais cerimônias da Paróquia de Santo Antônio (a procissão do santo padroeiro, as missas, os batizados, e as festividades de São João), e os laços de parentesco e compadrio do Sítio de Pai Adão (terreiro de *Xangô Ilê Obá Ogunté*) e suas práticas afro-religiosas. Afóra estes, também foram identificados os enredos referentes aos ensaios e desfiles das agremiações de cultura popular do carnaval pernambucano, bem como os contatos frequentes travados no comércio popular do bairro, caracterizados por certa personalidade tanto no mercado público e feira livre, como também nas bodegas e mercearias ali ainda presentes.

No bojo deste contexto, acrescenta-se que a vivência coletiva de Água Fria acontece na rua com os vizinhos e parentes, mas também na área mais densamente habitada, onde há a presença de maior número de atividades sociais, comumente conduzidas pelos principais enredos do bairro. Com efeito, conforme pode-se evidenciar na Figura 01, os enredos de Água Fria se encontram mais bem sobrepostos numa determinada área, onde há uma concentração das especificidades locais no bojo das práticas conduzidas por certos marcos referenciais,

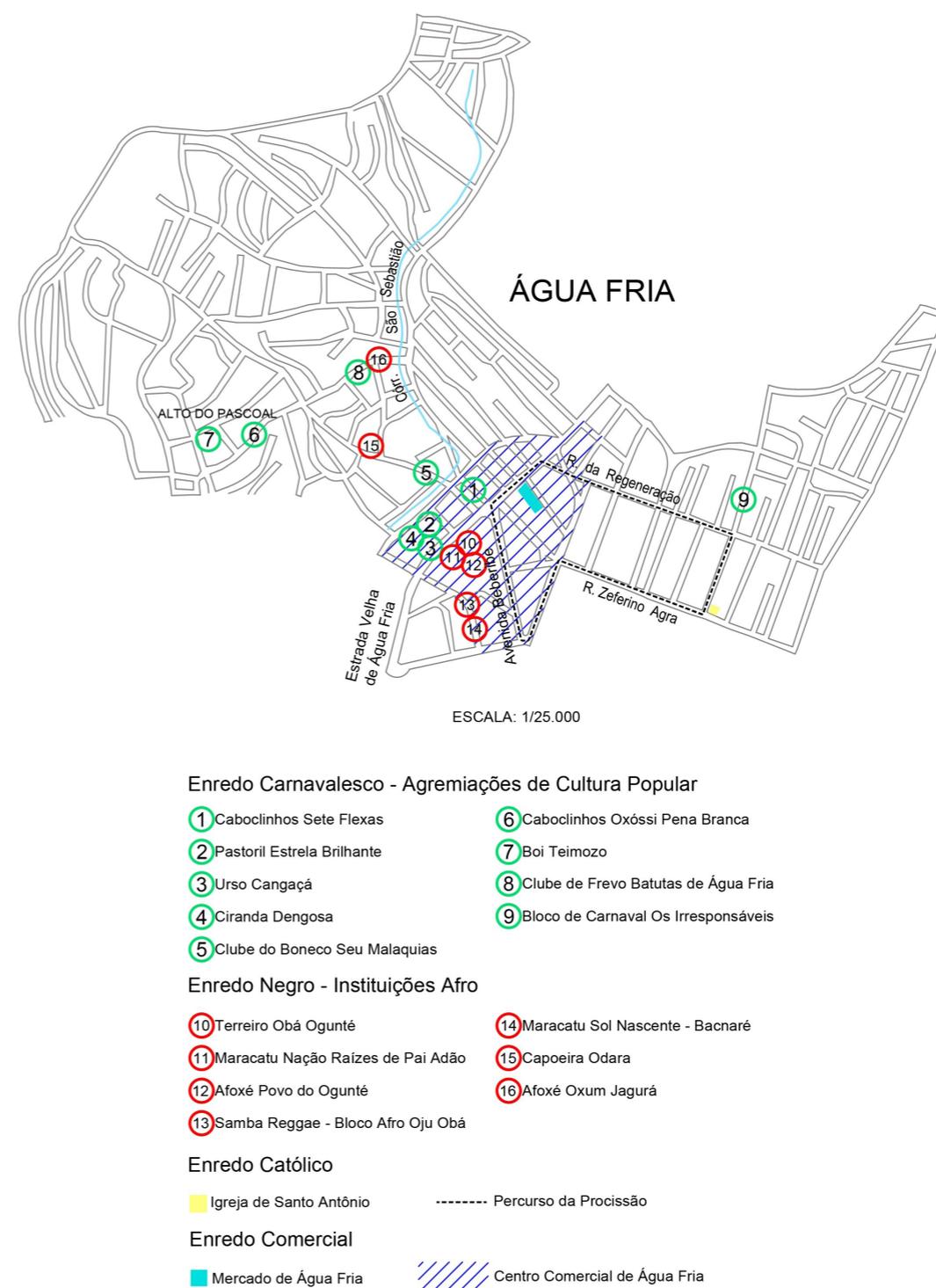


Figura 01: Sobreposição dos Enredos de Água Fria na Identificação da Trama Densa do Bairro
Fonte: Unibase/1997. Desenho: Bruno Maia Halley / André Pereira Marinho
Organização: Bruno Maia Halley (2010).

O bairro e os enredos do lugar

Bruno Maia Halley

e que paulatinamente vão se diluindo na espessura do espaço. Essa particularidade na estrutura de Água Fria acaba por recordar a observação de Kevin Lynch, segundo a qual

[...] não é incomum o tipo de bairro com um núcleo forte e cercado por um gradiente temático que vai desaparecendo aos poucos. Às vezes, de fato, um ponto nodal forte pode criar uma espécie de bairro numa zona homogênea mais ampla, simplesmente por 'radiação', ou seja, pela sensação de proximidade com o ponto nodal (LYNCH, 2001, p. 78).

Este é o caso do bairro em questão, e de tantos outros, cuja característica principal se assenta num núcleo forte, ponto nodal do lugar, compreendido como uma trama de enredos, que irradia a efervescência das ações exercitadas para outros recantos da célula urbana. Através da análise desta trama pode-se apreender a alma do lugar, e, doravante, sua identidade, marcada por uma miscelânea de ações e de objetos construídos historicamente ao longo da evolução do bairro. Desse modo, conforme assegura Tuan (1985), a identidade do lugar se constitui através de suas características físicas, sua história e de como as pessoas fazem uso do passado para promover uma consciência própria acerca dos lugares. Os lugares (ou os bairros) são, portanto, suas construções, os enredos que os moldaram e a biografia de seus moradores, os verdadeiros personagens desta trama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Souza (1989), a sobrevivência do bairro como algo mais que um referencial vazio, em que pesem as dificuldades e a diluição de sua vida, se deve, em grande parte, a essa trama de enredos. Embora sempre acompanhada por uma simpatia, que se realiza como

afeição pelo bairro, apego ao lugar, o qual o mesmo autor chama de **bairrofilia**.

O sentimento de pertencimento ao espaço de vivência centra-se nos aspectos comuns da vida do bairro (a conversa na calçada, o encontro na igreja, os debates diários nos mercados, bodegas e padarias do bairro, a intimidade social e as pequenas rixas entre os vizinhos, o jogo de bola das crianças nas ruas etc.), consistindo num terreno mais ou menos comum para todo conjunto de indivíduos, especialmente no que concerne a trama densa de um determinado bairro. Ponto convergente das inúmeras práticas engendradas no lugar e das características físicas e simbólicas mais singulares. Obviamente isto não é perceptível nos lugares imprecisos da cidade, as áreas de transição intraurbana, que acabam por confundir o sentimento de pertencimento do habitante de estar em tal ou qual bairro.

À guisa de nota final, registra-se ainda que a trama densa constitui-se uma referência vívida e forte para toda uma coletividade, configurando-se numa parte da experiência íntima de cada indivíduo, tal qual é a rua ou o quarteirão onde se mora. Desse modo, a vivência íntima de alguns bairros, acontece na rua com os vizinhos e parentes, mas também na área mais densamente habitada, onde há maior presença de atividades sociais, comumente conduzidas pelos enredos intrínsecos do lugar. ☉

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Margarida Maria de. **Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho**. 1991. Tese (Doutorado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

ANGEOLETTO, Fábio Henrique Soares. **Pirajá: um bairro e um parque – a vegetação como fator de aumento da biodiversidade e da qualidade de vida nos biomas urbanos**. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

BANDEIRA, Lúcia Batista. **Mallet – um bairro eleito e demarcado afetivamente**. 1998. Monografia (Especialização em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

BRITO, Márcia Soares Alves de. **Bento Ribeiro – perfil de um bairro: fragmentos do passado e da atualidade**. 2000. Monografia (Graduação em Geografia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço-tempo na metrópole** – a fragmento da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. *Terra Livre*, São Paulo, vol. I, n. 18, jan./jul. São Paulo, 2002, p. 161-178.

COELHO, Suely dos Santos. **A percepção do bairro através dos diferentes modos de transporte**. 2002. Monografia (Graduação em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: _____.; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural** – uma antologia. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012, p. 7-14.

_____. A Geografia Cultural e o Urbano. In: _____.; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167-186.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

GARCIA, Antônia dos Santos. **As mulheres da cidade D'Oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

GEORGE, Pierre. **Geografia urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar** – Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HALLEY, Bruno Maia. **De Chapéu do Sol a Água Fria: numa Trama de Enredos, a Construção da Identidade de um Bairro na Cidade do Recife**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

HENRIQUE GOMES, Carlos. **Onde brota o mel... E fonte de onde brotaram tantos bairros da zona norte**. 1999. Monografia (Graduação em Geografia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1968.

LIMA E SILVA, Michel Vieira de. **Desconstruindo e descortinando símbolos na Cida**

brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. **O mapa e a trama** – ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

O bairro e os enredos do lugar
Bruno Maia Halley

PAULA, Fernanda Cristina de. **Geografia de bairro: territórios vividos e experiência urbana no bairro do Bosque, Campinas**. 2007. Monografia (Bacharelado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PIZOTTI, Alexandre Moura. **Mangueira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17-32.

_____. **As bases fenomenológicas da geografia**, Geografia, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

_____. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: EDUFF, 1988.

_____; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa**. Rio de Janeiro: IBAM, 1985.

SCARLATO, Francisco Capuano. **O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro**. 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação – cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão**. 2003. Tese (Livre-docência) — Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SERPA, Ângelo. **Cidade popular – trama de relações sócio-espaciais**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SILVA, Regina Celly Nogueira da. **As singularidades do bairro na realização da cidade – um estudo sobre as transformações na paisagem urbana do bairro da Torre na cidade de João Pessoa – PB**.

1999. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SILVA DE SOUZA, Flávia. **Caracterização e apropriação social de três espaços públicos centrais, em bairros populares de Salvador**. 2006. Monografia (Graduação em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SOARES, Maria Terezinha Segadas. O conceito de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, ano X, n. 3/4, p. 46-68, 1958.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, abr/jun. Rio de Janeiro, p. 139-172, 1989.

_____. **O que pode o ativismo de bairro reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista**. 1988. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

TOSTES, Viviane de Oliveira. **Bangu: o nome do lugar**. 1999. Monografia (Graduação em Geografia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 143-164.

_____. **Espaço e lugar**. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Trad. Lívia de Oliveira) São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão Editorial S/A, 1980.

Submetido em Agosto de 2013.
Revisado em Dezembro de 2013.
Aceito em Janeiro de 2014.